

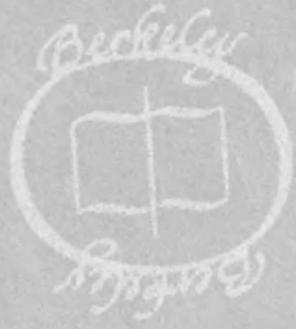
**UC-NRLF**



**B 2 829 587**

**P Q  
9261  
B49  
Z78  
1813  
MAIN**

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY



Digitized by Google









# CONSIDERAÇÕES MANSAS,

SOBRE O QUARTO TOMO  
DAS OBRAS METRICAS

DE

MANOEL BOCAGE,

ACCRESCENTADAS COM A VIDA DO MESMO.

---

*Quanto melius fuerat tacere, quam in  
usus tam miserabiles, tam inanem habere  
linguam!*

Lactancio. de Orig. ex Lib. 2.º

---

P O R

JOSE AGOSTINHO DE MACEDO,



L I S B O A ,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1813.

*Com licença.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

540 EAST 58TH STREET

CHICAGO, ILL. 60637

TEL: 773-936-3000

FAX: 773-936-3000

WWW.CHICAGO.EDU

WWW.CHICAGO.EDU/LIBRARY

WWW.CHICAGO.EDU/RESOURCES

**LOAN STACK**

1. [Illegible text]

2. [Illegible text]

3. [Illegible text]

~~3105E~~

(3)

PQ 9261

B49

278

1813

O Ra eu conheço por ahi homens velhos, e curiosos, e a muitos tenho perguntado se se lembrão em que anno, e ha que tempos a esta parte sahisse hum livro? Nada, não me sabem dizer: se elles o não sabem, menos o sei eu que lho pergunto. O tempo dos livros era outro tempo, agora he o tempo dos Periodicos: livros, isso he coisa rançosa, e boa para ginjas anteterramotanos. Que coisa he, ou póde ser hum livro á vista de hum Periodico? Hum Periodico! Pois elle ha, ou póde haver coisa mais azada para a felicidade do genero humano que hum Periodico! Hum Periodico na verdade he huma coisa, que só se póde comparar com outro Periodico. Eis-aqui o que se me diz de todos os angulos da Terra. Se se dissesse só, não era máo, o peor he que se faz. Parece-me na verdade (talvez seja em mim força de melancolia) que estou transplantado á época do diluyio; fechou-se o Ceo, condensarão-se as nuvens, desatarão-se os chuveiros, e agora o vereis . . . se fosse só por quarenta dias, e por quarenta noites pinda não era de todo máo; o peor he que entra o

A 2

anno, e sahe o anno, e a chuva a cahir!  
 Olho para o Norte, Periodicos; olho para  
 o Sul, Periodicos; olho para o Poente,  
 Periodicos; olho para o Levante, Periodi-  
 cos. Periodicos em a Nova Zembla, Pe-  
 riodicos no Cabo da Boa Esperança, Pe-  
 riodicos nas Antilhas, Periodicos em Calcu-  
 tá. Faltão nomes já no Ceo, na Terra,  
 nos Animaes, nos Insectos para se porem  
 aos Periodicos. Hum he *Estrella*, outro he  
*Sol*, outro he *Abelha*. Dão-lhe nome as  
 accções moraes; ha o sincero, ha o viridico.  
 Dão-lhe nome as Figuras de Rhetorica, ha  
 o Conciso; dão-lhe nome as virtudes civis,  
 ha o Patriota. Oh! diluvio! Onde escapa-  
 rei, onde me esconderei, onde me alapar-  
 darei á espadana da basta chuva, que me  
 açoita, que me persegue? Hirei além dos  
 Sauromatas! Ai de mim! D'além dos Sau-  
 romatas ajnda vem Boletins? Hirei para  
 Carracas? Ai! de mim! He maior o terre-  
 moto dos Periodicos, que o que abala as  
 Carracas todas! Virei outra vez para a Eu-  
 ropa? Peor. Onde me porei que escape?  
 No Grande S. Bernardo? Peor, antes que  
 os Frades me descalcem as botas, e me  
 calcem os pantufos quentes, lá me mostrão  
 hum Periodico. Hirei para Smyrna ainda  
 que lá haja peste? Muito peor. Lá se pu-  
 blica hum Periodico. Montes cahi sobre

mim ! Escondei-me , que eu morro abafado  
 ed Periodicos ! Se eu estivesse no fundo do  
 mar no buxo de alguma Balea , e em tem-  
 pestade se alijassem de algum navio caixas  
 ao mar , e a Balea engolisse alguma , aposto  
 que se eu a abrisse lá , para me divertir ,  
 achava Periodicos ! A primeira coisa que  
 os Navios descarregão quando entrão por  
 essa barra , são os pacotes dos Periodicos.  
 Os mesmos que estão esganados por man-  
 teiga , arroz , e barricas de farinha , esque-  
 cidos até da fome , à primeira coisa porque  
 perguntão ao Contramestre he esta ; vem  
 os Periodicos ? O navio he logo cercado de  
 botes , ninguem pergunta pelo pai , pela  
 mãe , pelos parentes , pelos negocios , per-  
 guntão pelos Periodicos. Vem o Correio ?  
 Vem o Investigador ? Vem o *Ambigú* ?  
 Vem o Relampago ? Vem o Monitor ? Vem  
 o Compostela ? Vem a Chave dos Gabi-  
 netes ? Oh chuva , oh chuva , quando para-  
 rás ? Huns parem ao mez , outros parem as  
 semanas , outros parem aos dias , outros pa-  
 rem de manhã , outros parem de tarde , e  
 todos parem sempre , e propagação , e se ra-  
 mificação ; huns engendrán outros , estes des-  
 compõem aquelles , hum desmente todos ,  
 todos quasi sempre mentem que fedem ,  
 que trascalão , que embação , que arreben-  
 tão. De tudo se escapa em Lisboa , aqui se

esconde tudo , e cuidei com a minha tef-mosa incomunicabilidade escapar aos Periodicos. Vãos , e muito inuteis esforços ! Aos Periodicos ? Tenho escapado de febres epidémicas , que me tem levado visinhança inteira das casas ; mas dos Periodicos ! Ai de mim ! As coisas não cahem pelo telhado , he preciso ir buscar as fataes munições de boca. Vou aos Bacalhoeiros ? Estão co'os Periodicos ? Entro n'hum Botiquim , ainda que seja o do mesmo deserto , a refocilar as ermas tripas , porque em fim a gente não he de ferro , he sim de osso e carne , e com bem fraquezas , antes que me ponhão o aladroadado copinho , verdadeira imagem dos tubos capilares , apresentão-me n'huma encebada pasta os Periodicos. Vou-me desobrigar , faz-me o Cura criar sangue de bogio com esperas , porque está lendo os Periodicos. Espera hum prezo que lhe abráo assento , porque está o Carcereifolendo os Periodicos. Diz-se , e eu o creio , que até hum Boticario deixara de aviar humma receita de Alfa-Vaca-Cobra . porque estava lendo os Periodicos. E para me acabar de matar ( eu mudo-me , eu não posso viver assim ) tenho hum visinho na escada que tem os Periodicos , he assignante dos Periodicos , ainda bem não he manhã , e muitas vezes , nem madrugada he , truz na

porta ; he o moço com hum braço de  
 Periodicos , que lhe vem trazer o que lhe  
 pertence. Adeos sono ! O homem com o  
 Periodico nas mãos he o Estentór de Ho-  
 mero. Ei-lo a ler — Mandão de Cangas de  
 Tineo , que se fazião esforços para a ren-  
 dição de Potes — . Quero dormir hum bo-  
 cadinho de sésta , truz na porta. He o mo-  
 ço dos Periodicos , que traz o Correio que  
 sahe de tarde. Ei-lo a ler outra vez — Por  
 cartas que remos de Potes ultimou-se a ren-  
 dição de Cangas — . Vou hum bocadinho  
 para a janella tomar o ar a ver se desabafo  
 a pena que me causou a evacuação de Po-  
 tes , eis hum cego la gritar com huma al-  
 forjada de Periodicos por carta de Officio  
 da grande tomadia que fizerão aos France-  
 zes. Fujo de hum ribeirinho que me çuja ,  
 para huma esquina a que me encosto , dou  
 logo co'os olhos no Cartáz — Sahio á luz  
 o novo Periodico. Corro com hum aperto  
 a S. Domingos , ou a S. Francisco , lá  
 mesmo vou dar com restos de esfrangalha-  
 dos Periodicos. E no meio deste oceano  
 hum livro sem apparecer ! . . . Appareceo ,  
 appareceo finalmente hum livro ! He o Quar-  
 to dos metros de Manoel Bocage com a vi-  
 da do dito. He hum livro ! Mas que ma-  
 goa despertou logo em meu coração ! Hum  
 livro que traz a vida toda do mesmo Poe-

ta até á sua chegada ao cimiterio, parádoi-  
ro commum de toda a vararia. Que lasti-  
ma!

*Sunt lacrimae rerum, et mentem morta-  
lia tangunt!*

Que pouca vergonha he a da morte!  
Quem poderá brincar com ella! Aviar as-  
sim hum Poeta, que tinha tantas vezes con-  
cebido o Olympo em seu ventre como elle  
mesmo disse no Prologo á sua traducção  
das Plantas, Poema de *Ducastel*, contando  
as vezes que fora:

*Eu que cem vezes concebendo o Olimpo!*

Que morra ahi qualquer homem, qual-  
quer bigorrilhas, póde ser; mas que morra  
hum Poeta, que tanto andou, tanto andou,  
que foi beber mesmo ás fontes do Estro?

*Me vistes ir subindo ds fontes do Estro,*

Ah! elle não teve a sorte de Horacio,  
que não morreo todo, ficou-lhe cá hum bo-  
cadinho: *Non omnis moriar!*

Este cá não evitou a velhaca da Libi-  
tina, que se foi sarocoteando com elle todo

Deixa, ó Bacho, o teu tonel,  
De Andador toma a capinha,  
Vai tocando a campainha  
Na morte do meu Manoel.

Assim desafogava eu as minhas tristes

magoas, vendo a vida de hum Poeta, que já não existe. Eis que de repente transportado, *endeosado*, levanto a minha voz, e disse; razões não fazem sopas, tristezas não pagão dividas. Póde acaso morrer hum homem, que, verdadeiro Feniz, renasce das suas cinzas, e surge vivo, são, e es-correito d'entre a poeira das suas obras pos-thumas? Póde acaso morrer hum Poeta im-mortalizado por outro Poeta? Não morre a gloria dos Romanos, porque vive nas De-cadas de Tito Livio; não morre a gloria de Alexandre, porque se embalsamou nos per-fumes das flores de Quinto Curcio; não morrem os Heroes, que forão para a India, porque vivem na Chronica do *antiquissimo* Damião de Goes; não morreo Malhão, porque elle mesmo antes de morrer se im-mortalizou nas suas memorias. Vive Traja-no no Panegyrico de Plinio; vivirás, Ma-noel, no monumento, que eu vejo levan-tado a tua gloria! Se elle não for tão du-ravel, ao menos he tão duro como as pe-dras. Assim me consolava, depois de me ter tão vivamente carpido. Apertava a meu peito sem o abrir o meu querido volume. Isto não era preciso, do seu coutheudo ( não digo bem, assim não he que se falla ) dos seus *contentos* estava eu certo. Desfiz-me em rogar mil bens ao genio zelador da nos-

sa gloria, da gloria das letras, da gloria de toda a humanidade, e disse:

Zeloso Genio, bençoado sejas,  
 Dos vates todos mil benções tu vejas.  
 Em quanto *auritronado*, o fulvo Apollo,  
 Co'a *longivibrua* luz, der luz ao polo;  
 (Que aos povos todos o calor remeça  
 Co'o *gemoso galero* na cabeça)  
 Em quanto, ou *resupino*, ou já de *papo*,  
 Na Russia ao Brenno estulto houver sopapa  
 Em quanto, (e cresce já com que *abun-*  
*dança!*)  
 Nas falanges do Corso houver matança,  
 Em quanto pelo Mundo houverem tolos  
 E vates frios, quaes gelados polos,  
 Q'agora tu Bretão co'as vêtas cheias  
 Dos baixéis *negro celeres* rodeias;  
 Genio profundo, os Genios te bençoem,  
 Todas as banzas com teu nome soem;  
 Do mar ás costas mais alcatruzadas  
 As obras tuas se verão levadas.

Tenho pena na verdade, que certos genios benemeritos das letras, e da humanidade, se obstinem tanto em guardar o anonymo, quando se dignão de enriquecer a Patria com hum monumento, que á similhaça deste quarto Tomo he digno da immortalidade. Eu me penalizo de ignorar.

seu nome para lhe consagrar aquillo que eu posso , e que cabe nos limites da minha pobreza , que he hum tributo de louvor. O Mundo possuia , e o Templo da Gloria tinha já sobre o seu maior altar os tres volumes das Obras do Poeta ; mas aquillo era tão pouco , para satisfazer nossos animos que com ancia desejavamos o mais , e visto elle não ter deixado nada intraduzido , era impossivel que não existissem ms. preciosos. Elle traduzio de Grecourt , traduzio de Piron , traduzio de Dorat , traduzio de Logouvé , traduzio de Chenier , traduzio de Bernard , traduzio de Fontanes , traduzio de Delille , traduzio de Castel , traduzio traduzio , traduzio . . . mas era impossivei que não tivesse traduzido ; sim traduzio , traduzio , e estas traduções , traduções de Rosset , traduções de Picart existião nas mãos de seus herdeiros legitimos guardadas com hum religioso respeito , e vigilantissimo ciume. E não deve ser considerado , dizia eu , como hum genio tutelar das artes , aquelle genio que ama tanto as artes , que tirou do silencio , e da sombra de hum arcaz velho , traduções que dão honra á humanidade ? Tudò isto eu dizia sem abrir o volume. Esquecendo-me hum pouco dos motivos da gloria , tão poderosos nos Genios grandes , e nobres. Como o

Genio publicador he anonymo ; virava eu a proa para outro rumo , e talvez o mais seguro , qual he o rumo do interesse , ganancia , e conveniencia , coisa superior á mesma gloria , que em si he fumo , que tem por chaminé a opinião , coisa tão varia , e tão mudavel como o tempo , e como os homens ; lembrava-me de hum dos mais breves , porém dos mais sacosos oraculos do escuro , e mysterioso Persio que diz :

*Si spes refulsit numi :*

Se se lombrigou algum vislumbre de esperança de chelpa , ou de caroço. Ah ! Este he o unico , o verdadeiro iman dos Editores ! Eu por aqui vou bem. Isto foi Genio calculador , e especulador. Sentou-se , dizia eu , este homem na sua poltrona e começou a dizer com os seus botões. De que maneira poderei eu encher este alforge de dinheiro ? As coisas estão arrastradas , os mesmos Periodicos , quando o carolo amaina , amainão elles tambem : o povo está cançado , se houve huma acção em Chinchilha , se se hão de ler os *detalhes* , e os elogios da tropa em cinco papeis , he melhor , e mais barato lella cinco vezes em hum papel : não sei o que hei de fazer á minha vida ; e a mim não me faz conta conservar o alforge vazio . . . . Ah ! Lembrou-me Deos em bem ! Não ha obras

como as obras de Bocage ! Outro dia vi eu hum papel portuguez de Inglaterra , que lhe chamava o Immortal Bocage. Ha ineditos preciosissimos , que me podem dar hum quarto volume ; a sociedade não pôde passar sem versos ; passe embora sem pão ; mas sem versos , que será della ? Ninguem entende Francez , ninguem pesca Italiano , do Latim todos jejuão , e se não fossem as traduções a Deos Imperio , a Deos Republica das Letras. A tradução he huma coisa muito grande. O Tradutor he o verdadeiro amigo dos homens. Até o mesmo seculo em que estamos está traduzido ; ainda que parece o não foi por mão habil pois difere muito do seu original que era o antigo : buscarei pois as traduções ineditas do nosso Poeta , e com ellas farei dois bens , o primeiro a mim , o segundo ao Mundo ; a mim porque me enchei de dinheiro , ao Mundo , porque o enchei de lozes ; nem eu , nem o Mundo ficaremos ás escuras ; e a gloria do Poeta subirá mais alguns furos , quando os homens espantados vejam o que nunca virão , nem ouvirão ; porque era costume do Poeta viver de tal sorte retirado , incommunicavel , taciturno , e calado , que nunca repetio as suas obras a viva alma ; em público ninguem o vio , o que furtava de tempo ás suas laboriosas occupações so-

ciaes, e civiz, era para se fechar no seu Gabinete, e alli só consigo, e com o author que devia traduzir, passar deliciosamente os momentos, que outro qualquer menos traduzidor daria ao somno, que he occupação dulcissima! Buscarei pois as traduções que ainda não virão a luz, e farei com ellas quarto volume das traduções do nosso Poeta.

Este foi o meu segundo pensamento, e elle nascia da teima em que o publicador assentou de permanecer na conservação do anonymo. Outra lembrança me assaltou. Quem sabe, dizia eu, se algum Patriota acolhedor dos homens de merito, e interessado vivamente na collecção dos seus opusculos, que tantos tem ajuntado para se não perderem, não quizesse perpetuar depois da morte do Poeta aquella existencia, que tanto o animou, e espiritualizou durante a sua vida mortal! Ora basta, disse eu, não estou para parafuzar mais seja o que for, e como for. O principal era não se perderem as traduções, agora estamos seguros, as traduções não se perdem, o livro aqui está, e está impresso, que me importa a mim cá, quem me communicou o thesouro, se eu possuo o thesouro! Se estranhar a minha ingratição, culpe a sua modestia, já que quiz guardar o anonymo.

Ora com toda aquella reverencia, que póde ter hum homem, que conhece, e que sabe, que preciosa coisa seja huma traducção, despeguei o livro do meu seio onde o tinha ternissimamente apertado, e abri o livro . . . . . Ora na verdade he huma injustiça chamarem-me mordaz, satyrico, incontentavel, desdenhador, e toureador de tudo quanto apparece no Mundo das letras. Eu faço a confissão mais publica, e solemne, a protestação mais authentica, que não fallo, nem eccrevo por soberba, por orgulho, e presumpção. Não terei outras virtudes, mas ao menos conservo em grão heroico hum decidido amor da verdade, e hum odio constante, e manifesto á impostura, ao engano, e á mentira. Só animado destes dois principios escrevo este papel, que póde ser seja o ultimo nestas frivolas materias.

Pasmei de ver, e contemplar este chamado quarto volume. O publico he hum objecto de respeito, e quem engana hum homem, ou o bigodêa por certo o despreza. Não me venhão com a quarrada, de que são modos, maneiras, e artificios de viver. A vida não vale a infracção do jurto, e do honesto, e não se estancarão ainda de tal maneira os meios de viver, que não restem senão os meios da impostura,

e do engano. Eu sabia por longa experiecia, que existem suas fraudes, e trampolinhas typograficas. Ouvia fallar muitas vezes em edições contrafeitas. Publicava-se hum livro, ex. g., em Londres, a cobiça de hum livreiro, publicava o mesmo livro em Amsterdão; era o mesmo livro, mas não era a mesma edição: disto havia muito, e contra isto havia tambem graves penas nas Leis sobre Typografia. Apparecia hum livro, era o texto só, hum editor famelico pegava neste livro, juntava-lhe notas, e observações, huma Prefação nova, juízos de Varões claros sobre a mesma obra, e imprimia, e vendia com os aditamentos fazendo berrar o verdadeiro, e primeiro editor, que para se não perder de todo, dava com a edição em casa do confeitoiro. Isto vio-se muitas vezes no Mundo Literario, e por vulgar já se não estranhava. Mas que se reimprimão papeis já impressos, surrados, e corriqueiros no Mundo, e que se chama a isto *quarto tomo das Poezias ineditas de Bocage*, (*e quem quizer ver os originaes, vá a minha casa!*) nas bochechas do mesmo publico, que sabe, conserva, e vê a obra antiga! Isto só no seculo de Bonaparte! scena semelhante ainda não appareceu no theatro universal das palozas, que se chama

Mundo! Este quarto tomo tem 320 paginas entre ellas só ha 32 em que apparece alguma coisa que não estava já impressa, espalhada, vista, e até decorada. Não me admiro de ver coisas que estão impressas em opusculos separados, o que me faz abrir huma boca maior que a de Sacavem, he ver que até algumas são coisas impressas nos tres volumes a que este mesmo vem fazer o quarto. Isto he a coisa mais nova, mais rara, mais descocada que se tem visto. Se isto ( perdôe-se-me a expressão ) não he judiar com o genero humano, eu mesmo, que sou mesmo de figados judiadores, não sei como se possa judiar de outra sorte. Ora, temos que advertir ainda mesmo nestas 32 paginas, em primeiro lugar contém em parte miuçalhos, e fragmentos que o Poeta tinha regeitado como duas ou tres decimas, e cada huma dellas occupa huma pagina; ha coisas attribuidas ao Poeta, que não são do Poeta, por exemplo a pag. 61. ha hum Epigramma, que se diz traduzido de Alciato que começa: Os teus melhores principios, &c.

Pois isto he de Bocage? É então o que ha de dizer o nosso Doutor Aragão, que berra na reclamação da sua propriedade, mostrando elle mesmo o authografo da sua mesma Letra, clamando que o fizera a rogos do

B

Professor Regio de Bellas Letras , ou Grego , para Epigrafe da mais nervosa das suas producções , qual he a carta ao Doutor Halliday em cujo frontespicio vem , e a sua competente citação deste geito :

Emblema Alciato 142.

Que vem a ser , que o Doutor Emblema compoz 142 Alciatos. O peor ainda não he isto , o peor he pegar o Editor em obra minha , e pespegalla alli como se fora de Bocage , pag. 154 ha hum Epigramma que começa ( invertido por elle ) :

Elmito envolto em Limiste

Quando no meu *rico* original começa assim :

Envolto em pardo Limiste

Bernardo Nenas recita.

Quando eu tal vi , se não fosse a zanga que tenho a demandas só para não dar que comer aos Jurisperitos , levava o homem á Cazinha com o meu Original na mão , e havia-lhe fazer pagar huma coima. A pag. 176 vem hum Soneto que começa :

Se eu podéra ir de tralha , ir á surdina. —

Que he do bom Poeta , e judicioso homem , que não sei se ainda vive , chamado Francisco Joaquim Bingre , no qual a capacidade natural supria todos os estudos. A pag. 71 ha huma Ode , que começa

Inculto habitador das agras serras. —

Que he do pequeno em corpo, e grande em talento Thomaz Quintanilha, que a repetio na Academia de Bellas Letras, que Deos haja! A pag. 78 ha hum retalhinho do Poema de *Le Gouvé*, que vem em hum dos *Feuilletons* da Gazeta chamada o Publicista, e que appareceo em 1806 depois que Bocage se finou. Só se ainda depois de morto elle ateimava a traduzir! Além de tudo isto ainda vem hum Soneto, que reclama seu author Pedro José Constancio.

Ora encher 32 paginas de obras estranhas, de fragmentos insignificantes, de rebutalhos Poeticos, que nada avultão, que o mesmo author não reconhecera, que hum homem bom foi pedir emprestado, para ler a outro homem, e immediatamente foi vender a outro homem por 3200; e inserir estas ninharias metricas em hum volume de 320 paginas de obras já impressas, e assentar-lhe no frontespicio — Quarto Tomo das Poezias de Manoel Bocage — Eu não sei que isto seja, ou como isto se deve chamar!

Porém o que mais me fez escancarar a bocarra foi a vida do Poeta! Vida! Satyra, e a mais taluda que se tem feito ha muitos annos a esta parte. Para esmiuçar devidamente esta importante peça ho pre-

ciso hum inteiro volume, não estou para o fazer; mas não me posso dispensar de algumas observações mansas, bem contra o meu genio, que idolátra a verdade, e que a respeito de impostura, he hum verdadeiro, e perfeitissimo intolerante. Nesta vida do Poeta não só se ultraja vivamente o triste Bocage, mas se insultão homens de hum indisputavel merito. Pope, Delille, Bernardino Perfetti, são postos á viôla com huma acrimonia, e audacia tal, que em mil vezes tornei com a vista ao frontispicio da obra para ver se o author da vida era Tacito, ou Suetonio; ou se o ajuizador era La Harpe, Blair, ou Methastasio. O tom de estallo, o ar magistral, o repente dictatorio, a severidade, e concisão da lei judicatoria me afiançavão hum homem de huma altura, ou comprimento extraordinario. O Senhor seja para sempre louvado! Que genios raros apparecem no Mundo! O que sabem! O que dizem! O que ralhão de Gallicismos, e o que elles são de Gallicos em quanto escrevem! Que universalidade de saber! Poetas, Filósofos, Oradores, Filologos, Humanistas, tudo he julgado em duas palavras, e só com duas palavras! Que copia de coisas, de juizos, de conhecimentos, de combinações, de principios! Oh Ceos! Que ho-

mens! Se elles pegão em Homero, e allí mesmo em cima do joelho o traduzem, e achão defeitos na tradução de Pope! Que Varões! Eu nunca me vi mais aturdido em dias de minha vida; v. g.; a pag. 28 e 29 da mesma vida eis-aqui como se explica este homem raro — „ A bem entendida analyse de quatro ou seis paginas suas (de Bocage) he mais capaz de dar huma perfeita idéa dos primores, donaires, e idiotismos da lingua Portugueza que todos os Sermões de alguns dos nossos Oradores, nos quaes se não acha mais que hum aggregado de periodos sem conexão, sem igualdade, nem cultura: frases ocas, e locuções bastardas, *furmigando* em Galicismos; finalmente para Bortalengo.,, Em primeiro lugar eu desafio todos os Diabos do Inferno para me explicarem o que queira dizer a frase com que acaba esta formosa tirada, *finalmente para Bortalengo.* „ Ponto, e fim do §. Ora com que provas havemos nós de acreditar, que tudo isto quanto diz o Videiro de Bocage he assim! Com que provas! Essa he boa! Póde haver maior prova de que não ha Orador que saiba fallar Portuguez como quatro paginas de Bocage, do que a sentença deste homem incomparavel? Fiquz pois Portugal entendendo, olhe que lho diz

hãh homem , que não he dos seus Oradores antigos , ou modernos , que deve tomar a idéa da eloquencia , mas sim da bem estudada analyse de quatro ou seis paginas das provas do nosso Bocage ! e que prosas são estas do nosso Bocage ? Eu não sei. Diz o mesmo Videiro , que o nosso Bocage traduzio , traduzio , traduzio — *As Aventuras de Gil Blas por Le Sage*. Eis-aqui onde devemos estudar a lingua Portugueza , n'uma tradução do nosso Bocage !

Cada vez vou estando mais aturdido com este homem terrivel : eu ando para traz , nem sei ás quantas ando , vou-me embora da pag. 28 para a pag. 26. As traduções do nosso Bocage ; diz este homem , o Chronista do nosso Bocage — Que as traduções do nosso Bocage são *os fins porque a posteridade o collocará no numero dos pais da nossa Poezia como hum dos esmaltes da nossa literatura* ; a sua perda he verdadeiramente sensivel , e irreparavel para a Nação !... = Então he isto para azaranzar , ou não ? Pois ainda lá vem mais = *A tradução he o mister mais ardno da Poezia* = E ha quem leve a mal , que haja palmatorias nas escólas ? então estavão os rapazes como querião para dizerem destas , e taes , e quejandas ! Ora consideremos alguns corollarios , que

naturalmente decorrem deste terrível axioma , ou theoremata. Compôr hum Poema Epico não he nada , traduzir o Poema Epico , he o mister mais arduo em Poezia ; de maneira , que fez mais Delille em traduzir o Paraizo , do que fez Milton em o inventar , e compôr : mais João Franco Barreto , que Virgilio ; mais Manoel Bocage , que Tasso , porque Manoel Bocage traduzio oito oitavos do Canto 19.<sup>o</sup> Eis-aqui o que se conclue da terrível proposição — Que a tradução he o mister *mais arduo da Poezia* ; que vem a ser o de maior difficuldade. Ora eis-aqui huma coisa dita com bem juizo. Vem então a ser o nosso Bocage *o pai da nossa Poezia , e hum dos esmaltes da nossa literatura*. E porque ? Porque traduzio huma migalha de Ovidio , outra migalha de Tasso , outra migalha de Lucano , outra migalha deste , outra migalha daquelle , porque tudo são humas migalhas , quanto se vê nos 3 volumes impressos das suas Obras Poeticas.

Volta-se pois o mesmo Videiro para todos nós , ou para todos vós os da Irmandade só da tradução , ( diferente das outras Irmandades ; estas trazem as capas ás direitas , a da tradução do avesso ) , volta-se pois para elles , e lhes brada com esta apostrophe = *E quem não pesanimará de*

*entrar na estrada , que foi inacessa aos Noltaires , aonde os Popes tropeçarão , e onde os Delilles cabem tanta vez? Quando acabei de ler a terrivel apostrofe , cada cabello era hum espeto em cima da minha cabeça. A estrada da traducção foi linacessa a Voltaire? Ora eu não sou dos devotos de Voltaire , antes lhe tenho o meu raçalho de osga menos máo , mas quando o vejo desta guisa injúriado pelo terrivel , não me contenho , e sinto-me abalado de raiva ; que seja possivel que assim se insulte tão raro engenho , ainda que ás vezes tão mal applicado ? Pois Voltaire não era capaz de traduzir ao mehos huma migalha de hum Poeta , ou Latino , ou Italiano ? Sim se nada traduzio Voltaire , não foi porque a estrada seja maccessa , mas porque he dos misteres de escritor o mais abjecto , porque as traducções não levárão , nem podem levar ninguem á immortalidade ; porque são mais desejo de parecer author , que ser author , porque são recados atheios que se dão aos outros , porque são apenas consolações da vaidade , e subterfugios do amor proprio , porque raras vezes occupárão hum engenho grande ; porque são incompativeis com a liberdade , e independencia nobre de hum genio creador ; porque são occupações de pedantes , de encólhidos , e de rans que*

querem parecer toiros. Mostrem-me hum dos grandes, e verdadeiros Poetas, que fosse assim considerado só por ser tradutor.

Depois desta injúria, ainda lá vem mais: Pope e Delille são os dois mais acreditados tradutores que se conhecem; hum em Inglaterra, outro em França, como Cezarotti na Italia; e o terrivel homem com huma pennada, ou pernada, diz que Pope tropeçara na tradução de Homero, e que Delille cahira mil vezes nas suas traduções de Milton, de Virgilio, &c., e isto porque o diz este terrivel homem, que entende tão bem o Grego, e o Inglez, que está a cada passo com a unha notando as topadas de Pope na tradução de Homero, e não nos faz favor de apontar huma só para corroborar a sua decisão; basta palavra! Lembra-me por este homem terrivelmente decisivo, hum que houve, que se tinha arrogado o nome de *Crebillon* Portuguez, ralhava dos Tragicos todos desde Eschilo, até elle exclusivamente: compoz 27 Tragedias, eu vi a primeira que se intitulava — *Ferhão Cortez*, (ou a tomada de Palmela, e debandada das Palmelôas no Sirio da Penha de França) — Por huma habil manobra foi aceita pelos Comicos nacionaes; depois de ensaiada em cima, foi abaixo a meter-se; *more maiorum*, em scena, e sen-

do isto execurado á porta fechada, sem que pelos bancos plateaes existisse, ou estivesse viva alma, houve huma pateada sobrenatural, sem se poder perceber a causa do phenomeno; todos os Comicos fugirão de medo: ficou só em baixo Fernão Cortez com o chapéo na mão para desempenhar na acção o seu nome, e vio apparecer a sombra de Marmontel acompanhada dos Incas, protestando que nunca em dias de sua vida forão a Palmela, e que não deixarião começar a Peça se ateimassem a entaialla. Cousa tão pavorosa, que até fez persuadir os mesmos Comicos, que no theatro apparecião coisas más. Este facto assustou tanto o author, que dahi por diante foi chamado o truculento até que morreu, e a este Crebillon enterrado fez o nosso Bocage hum Soneto que começava =

Tragedia de Tancreo Rei de Lisuria =  
 Ora o Cronista do nosso Bocage dá seus áres deste homem; porque não havia sciencia, ou escritor, que não fosse tosquiado, e tanto maior era a nomeada que siñão, quanto mais taluja era a pennada que levávão. Eu não desejo ser difuso em minhas mansas observações; mas tambem não desejo deixar ir pela agoa abaixo coisas notaveis, desejo dar o seu a seu dono, e não privar os homens extraordinarios da immo-

malidade ; - que merecem. Parece-me que o nosso Bocage nas mãos do seu Cronista he semelhante a Sancho Pansa nas mãos dos arrieiros naquella horrivel manteação de que D. Quixote foi expectador pelas bardas do curral sem lhe poder ser bom. Tão depressa hia ás nuvens como descia aos infernos. Assim he o nosso Bocage nas mãos do Cronista. Estiro os olhos pela pag. 16 e 17, e tenho a desconolação de ver o nosso Bocage ora acima, ora a terra. Quando o Cronista foi a casa do Poeta, *obra de hum mez antes do seu obito*, estava eu lá, e o Cronista não disse palavra, nem chuz, nem buz ; todos os meritissimos expectadores pasmamos da mais que Albionica taciturnidade. O interposto juizo sobre o Paraizo, foi feito mentalmente pelo Cronista, e julgo que annos depois, porque o nosso Bocage não podia fallar na traducção de Delille, que appareceo aqui creio que nos fins do anno de 1806, e o nosso Bocage tinha morrido em 1805.

Porém eu volto á manteação, que he coisa notavel. Eis-aqui o fim da pag. 16. = Se contemplarmos Bocage como escritor, quem o examinar sem paixão achará, que a natureza o não enriquecera de huma imaginação vasta, nem de hum genio creador e original ! = Eis-aqui o que faz banzar.

Pois he Poeta o homem, que não tem imaginação, que não tem genio para inventar, para crear! Então que he ser Poeta? He ser o nosso Bocage, que não tem imaginação, não cria, não inventa, e este infecundo homem, este genio sem genio he chamado a pag. 26 *O Pai da nossa Poezia*. Ora que filhos deitará hum pai tão esteril, e infecundo? Na mesma pag. 17 em duas linhas vai o nosso Bocage na mancha acima, e vem na mancha abaixo. Ah triste Sancho! Oição-se estas palavras: *O seu estilo he energico, e quasi nunca chaga a merecer o nome de forte.* Pois hum estilo que he energico não he forte? Quem se exprime com energia, não se exprime com fortaleza? Que differença ha, quando se trata da expressão, entre *energica* e *forte*? Talvez que me digão os sensatos, que faço hum enorme desperdicio de tempo, e tinta, e que estou gastando cera com ruins defuntos, que deixe escrever quem escreve. Isto não he assim, he preciso advertir, que vai alguma coisa da nossa reputação, quando se trata de bons, ou máos escritos, e que se se deixar ir a coisa a tóa, escrevendo quem qutzer escrever, depressa seremos a mofa de quantos enrenderem a lingua Portugueza. O meu zelo he sincero affilje-me, (ou mo creião ou não) e affli-

jo-me seriamente em vendo destempero literario. Por caridade aturem-me mais humana citação da pag. 17 da Cronica do nosso Bocage = *Seus versos (a que deveo grande parte da sua fama) (e que fez elle mais para a merecer!) mostram huma harmonia tão sustentada, e hum torniva tão elegante, que a serem mais onomantopaicos não lhe consentirão rival* = Pois são harmoniosos, e não são onomantopaicos? Isto impaciente. Que diabo será onomantopaicos? Pois tem harmonia imitativa, e não são onomantopaicos? Outra caridade peço. = *Os rasgos do seu pincel são de ordinario vehementes, e expressivos, ainda que ás vezes particulariza demaziado* = Pois a vehemencia, e força de expressão, não consiste na particularização das coisas, quando estas se metem pelos olhos! Ai minha cabeça!

Lá vai Sancho na manta acima, logo virá Sancho na manta abaixo. Pag. 18. Tomem sentido. = *Temos algumas Odes, e Canções de Bocage, mas estas apenas lhe poderão obter o ultimo lugar entre os Lyricos Portuguezes* = Isto bem claro está; e não necessita comento; oçamos na mesma pag. o Cronista. Veio até agora Sancho abaixo, pois ahi vai a manta, ahi vai Sancho acima: até agora as Odes do nos-

so Bocage apenas lhe merecem o ultimo lugar entre os Lyricos Portuguezes. Sancho acima. = *A lição de Parny, as imitações que fez de alguns versos deste Poeta feiticeiro* ( deo em chamar feiticeiros os Poetas, logo veremos Quita tambem feiticeiro ) *insuiraõ seu espirito delicado a ponto de produzir Anacreonticas, que o mesmo Cantor de Teios invejaria, e são como preciosos rubins, que adornão sua coroa poetica* = . Em Odes tem o ultimo lugar entre os Lyricos Portuguezes, e este mesmo ultimo faz Odes que causarião inveja a Anacreonte ! Que tal he esta ? Que tal ? He Sancho abaixo, Sancho acima, e a mesma manta a trabalhar.

Pag. 20 Sancho acima. = *Como Poeta Eligiaco tem hum lugar muito mais distincto, e talvez o primeiro* = . Tem o nosso Bocage duas Elegias com este nome, e está feito pelo seu Cronista Poeta Eligiaco ; muito bem, como as Elegias erão poucas, e o Cronista o quiz constituir Poeta Eligiaco, que faz ? não faz nada, classifica as cantatas na cathogoria de Elegias. E haverá quem diga que exercito a penna em materias frivolas ? Então isto deixa-se ir assim ao som d'agoa ? Em materia de estilo a Elegia he a antipoda da cantata, ha entre ellas a differença que ha entre o choro, e

o canto, e parecem-se tanto como se parece hum homem que está chorando, com outro homem que está cantando. O estrillo da Elegia he termo, e humilde, o da Cantata he sublime, e magestoso; hum he baixo, outro he altissimo, hum tem o tom das lagrimas que escorregão, outro o do canto que sobe. Que taes estão as duas irmãs gêmeas? Isto he o mesmo, que o Grego que quiz provar que sempre era dia, ainda que elle visse os Gallegos a accenderem os candieiros. Na Cantata irmã da Elegia Sancho acima com acclamações, e interjeições continuas na pag.; na mesma pag. 23 Sancho abaixo na Metamorfose. Vamos ao Cronista: = *A Metamorfose de Areneo e Argira prova que o Genio creador não fora a partilha do Bardo do Sado* =. Eu cuidava em primeiro lugar, que o nosso Bocage não se tinha crismado. Chamava-se Manoel Bocage, agora he chamado pelo seu Cronista o Senhor *Bardo do Sado*. O Bardo do Sado, (que assim lhe chamaremos agora), tem genio creador, e invencioneiro para a Cantata; porém quando se trata de Areneo, e Argira = *A invenção deste Poema he vulgar, e pouco interessante* = Sancho abaixo. Inventar, e não inventa.

Cahirão já cincoenta Janeiros em cima

deste espinhaço, muito renho lido, disse, e com isso tenho vivido ametade de hum seculo; mas eu ainda não li papel que me azaranzasse tanto como este. Não sei que me deo pela região do abdomen, quando cheguei a pag. 24. Transcreverei as suas expressões; são oráculos do mesmissimo Nume de quem Erasmo fez o elogio. = *Bocage* (o Bardo do Sado) teria sido o *Principe dos nossos Poetas Bucolicos*, se quizesse imitar a delicadeza, e natural simplicidade, a que abrija exemplo o *Feiticeiro Quita*. Porém subjugado talvez pela opinião, modelou-se pelos *Quinhentistas* e veio a ficar no segundo lugar, quem devia senhorear-se do primeiro. Em vez de copiar a *Natureza*, copiou, e até direi, aperfeçoou *Camões*, *Bernardes*, e *Fernão Alvares* = . Ora eu protesto que faria hum livro de f.º de 1000 paginas se quizesse esmiuçar esta pagina. O *Feiticeiro Quita*, (eu o conheci na sua loja de cabelleiro na travessa do pasteiro), antes que o *Garção* cuja cabelleira penteava, lhe ensinasse *Francez*, lia, e sempre lia *Camões*, *Bernardes*, e *Lobo*. Seguio-os em tudo desde que na *Quinta de Santo Antonio* ao pé da *Moita* appareceo com o primeiro *Soneto* que fez, que começa =

Benigno Amor, os impios que te offendem.

Todo o bom Quita he quasi hum cên-  
 tão dos três famosos Quinhentistas acima  
 nomeados, e o Bardo do Sado teria sido o  
 Principe dos Bucolicos se imitasse o Quita,  
 mas não o foi porque imitou, e *aperfei-  
 çouu* (que sacrilegio aperfeiçoar Camões!)  
 Camões, e Bernardes, a quem o Quita  
 imitou, seguiu, trasladou. Que me dizem  
 a esta? Deve o gosto, deve a critica estar  
 calada? He verdade que a critica não se de-  
 ve meter a amansar potros, mas não deve  
 ser tão indulgente, que se constitua cum-  
 plice de despropositos literarios. Quando se  
 falla em *os nossos Quinhentistas* !!! Já se  
 subentende, que forão os que se aproxima-  
 rão mais á Natureza, os que a copiarão de  
 perto; isto não precisa provas, e até se diz  
 que Bernardes por muito natural, pinta os  
 seus Pastores, muito Pastores; quem segue  
 e imita estes homens, segue, e imita a Na-  
 tureza, o Bardo do Sado não imita, nem  
 copia a Natureza porque os seguiu, e só  
 copiaria, e imitaria a Natureza se seguisse  
 o Quita, que vai atraz delles como hum  
 podenguinho atraz do dono. A razão porqué  
 o Bardo do Sado não he Principe Bucolico  
 he porque não seguiu Quita, seguiu os Qui-  
 nhentistas. Sancho abaixo, e Sancho a ter-  
 ra. O Cronista põe o Bardo do Sado em o  
 segundo lugar, Quita em o primeiro, e

C

vem a ser Quita mais que o Bardo do Sado, e mais que Camões, Bernardes e Fernão Alvares, ficando o Bardo do Sado abaixo de Quita, e acima dos melhores Quinhentistas, Sancho a terra na mesma pag. Hum Bardo que he maior que Camões na Bucolica, onde Camões he sem contradição eminentissimo, he no juizo do Cronista o maior culpado, e facinoroso nas suas composições Bucolicas. Eis-aqui as palavras do Cronista = *Mas quem poderá desculpar as difusas, e absolutamente epicas descrições das suas Pharmaceuticas? Seus enredos sem novidade? Seus Pastores que fallão com mais cultura, e polidez que os Cortezãos?* = Que tal está na boca do Cronista o imitador, e aperfeiçoador do Camões? Sancho acima mais que Camões; Sancho abaixo, porque he mais que Camões !!!

Na mesma pagina em nota, indaga o nosso Cronista, porque razão o Suisso Gesner não compoz Pharmaceuticas, e Piscatorias? O mesmo Cronista aponta os motivos, porque as Pharmaceuticas são, diz elle, de huma ridicula monstruosidade, e monotonia, e as Piscatorias, são de huma grande esterilidade. Oíçamos o Cronista na pag. 25. tambem na manta acima, e na manta abaixo: falla das Piscatorias do Bar-

do do Sado. = *As suas Piscatorias são de mais meretimento; e de melhor gosto, porque as expressões levantadas devem ter lugar proprio na boca de homens acostumados a viver sobre hum elemento, que ou em calma, ou em furor, tão apto he a suscitar idéas de magnificencia, e grandeza* = . De maneira, que no sólido juizo do Cronista he esteril a materia das Piscatorias, e a materia esteril das Piscatorias, excita idéas de magnificencia, e de grandeza! Eu, eu he que tenho razão para dizer, que em meio seculo de existencia ainda não tive leitura, que mais me azaranzasse. Tomara-me já calar! Mas se a Cronica se não acaba ainda, como poderei eu calar-me. Anda cá pagina 30, pagina mentirosa, pagina bem pagina. Ei-la. Aqui estou, Senhor, que me quer V. m. ? Quero que não mintas. = *Tratava em fim o nosso Poeta de aditar-nos a literatura com hum Poema Epico em que resolvera cantar as façanhas do invencivel Albuquerque açaimando assim para sempre os Zoilos* = . Chegou de Macáo o Bardo do Sado no principio de Agosto de 1791; a primeira casa que teve foi a minha, expirou-me nos braços a 21 de Dezembro de 1805 pelas onze e meia da manhã, nunca he ouvi fallar em tal Poema Epico Albu-

querque. Os seus ms. na minha mão ficarão, e na de sua irmã, e agora vão formar o verdadeiro quarto e o quinto volume das suas Obras; nem hum só verso, nem hum só idéa, nem hum só esboço do plano de tal Poema. Ah!

Tragedia de Tancreo Rei da Dysuria!

Talvez que o Poema Filosofico de que se falla a pag. 31 seja o *Passeio*, que ainda se não acabou de dar! Que falta de caridade he a da pagina 35, por desfecho vem hum satyra dos costumes, e caracter da Bardo do Sado; ei-la = Seu corpo de longo tempo defecado pelo abuso do tabaco de fumo, das bebidas espirituosas, e dos habituaes excessos. . . . . = Ora seja pelo amor de Deos!.. Eis-aqui como homens se atrevem a escrever! Descompor hum Bardo por este feitio, não satisfeito com lhe ter chamado a paginas 9 odioso, e ridiculo protestando que andara sempre mal encaminhado, e rematando = Grande parte dos seus erros teve origem nas companhias estragadas que o rodeavão = Chamando-lhe a paginas 10 ingrato, e perfido = Sacrificando ao rigor da satyra os seus melhores Patronos. Daqui emancou a multidão de Sonetos, que enxevalhárão tantas reputações Daqui finalmente a escandalosa Epistola, que principia = Pavoro-

a illusão da Eternidade — que o condãozão a gemer alguns mezes nas Cadêas desta Corte, e nos Carceres da Inquisição. „ Em que agradecimento devem estar as cinzas, e ossos do Bardo do Sado ao seu Cronista, que assim o poupa depois de enterrado! He sinceridade de mais! Não queremos Historiadores tão honrados, e tão ingenuos.

He preciso rematar, e levantar mão da taboa, como dizião os nossos Quinhentistas. O que mais me tem feito pasmear neste estranho escrito, he o tom Imperial do seu author. Homem maior ainda eu não vi, nem ha. Existio em Roma no anno de 1762 hum Cavalheiro de Sena chamada Bernardino Perfetti, o maior Improvizador que a Italia conheceo por certo, e foi coroado Poeta no Capitolio, (e delle faz menção Berti na Historia Ecclesiastica) como o maior Poeta do seu tempo, e a coroação executou-se no principio do Pontificado de Clemente IV., que não he Tassa, nem Quintilio, como diz o Cronista a pag. 12, mas he o sabio, muito sabio, e immortal Ganganelli, e nesta coroação interveio o melhor da Corte polidissima do Creador do Museo Clementino: vivia Frugoni, vivia Algaroti em Piza, vivia Conti em Veneza, Monti em Padua, Fontoni em Florença, Bentinelli em Parma, vivia

Parini, Savioli, e ainda vivia Bergianelli, e Horacio Landini; entre tantos, e taes homens, assombrados com o que de Turim imprimia Berlendis, foi decretada, e executada a cofoação no Capitullo do Poeta Bernardino Perfetti; e o nosso homem, e nosso Cronista, com hum tom sybilino, o dodoneo diz deste prodigio espantoso estas palavras, esta sentença digna de se escrever com letras de ouro na propria fachada do Templo de Apollo Delfico: = *Hum verdadeiro que não soffreria o paralelo com João Xavier de Mattos* =.

Venhão, venhão do Septentrão, e Meio dia todos os Povos conhecer, e adorar o maior homem que ha, que he o Cronista do Bardo do Sado, e deixem-me já taes escritores pelo divino amor de Deos. Deste sublime Poeta, que não soffreria a paralelo com João Xavier de Mattos, existem dois volumes em 8.<sup>o</sup> de Pôezias impressos em Parma Officina de Bodoni; e isto basta.

*Peroração.*

O quarto volume das Obras Poeticas de Manoel Bocage, o Bardo do Sado contém 320 paginas destas 32 só contém alguma coisa do mesmu Bardo do Sado, que não estavão impressas; porque a maior parte são attribuidas, e seus donos berrão por ellas. Nestas Obras impressas ha algumas, que duas vezes são impressas neste mesmo volume para o fazer mais gordinho, que he a Ode a Nuno Pato, pag. 48, repetida a pag. 84; tem mais a pag. 80 hum Elogio de Theatro impresso no terceiro volume a pag. 66, mas trocado para parecer outro: e tudo isto com a Cronica do Bardo do Sado, que seja por santa caridade! E taes são as Considerações Mansas, que o author deste escrito escreveu

N'hum dia em que *s'achou* mais paxorro  
rento.

F I M.



# CONSIDERAÇÕES

SOBRE

HUM FORMIDAVEL

SONETO,

CUJO AUCTOR

SE DA' A CONHECER

PELAS LETRAS

J. B. L. R.

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

*Nec pes, nec caput.*  
*Não tem pés, nem cabeça.*  
Hor. Art. Poet.



LISBOA :

1835.

NA TYP. DE DESIDERIO MARQUES LEÃO.

---

*Vende-se na mesma Typographia,*  
*no Largo do Calhariz N.º 12.*



---

**O** Soneto he invenção Italiana; já appareião alguns no tempo de Dante, e Petrarca aperfeçoou este genero de composição fazendo Sonetos trinta annos a fio a Laura viva, e trinta annos mais a Laura morta: consomio-se a longa idade de Petrarca em Sonetaria. Este séstro estendeo-se de tal maneira aos Italianos, que ha quatro seculos acabados tem parido tantas myriades de Sonetos, que menos pratos de rabioles tem comido os mesmos Italianos ha quatro Seculos; e he condão dos infinitamente propagados Sonetos, que entre tantos milhões que deles existem, appareça hum, ou outro, que seja toleravel. Ha 60 $\text{g}$  livros que se intitulaõ — *Soneti e Canzoni*, e nestes 60 $\text{g}$  apparecerão meia duzia só que sejião bons, ainda contando os de Tasso, os de Angelo de Constanzo, os de Bernardino Rota, e os de Luiz Fansilo. Esta peste correo da I-

talia e se derramou pela Europa culta, e athe os mesmos Francezes naquelles seus versos mais compridos que hum dia de Cadêa, e mais frios que a mesma Laponia, e Groelandia, fizeram Sonetos, e entre nós os Portuguezes, não se tem dado esta fazenda ás duzias como os ovos, mas ás Centurias como as sardinhas, e entre as Centurias, ou Centurios de Luiz de Camões apparece hum bom que se chama o *Almaminha*; mas a esta mesma almaminha se tem hido furiosamente ao fato; em fim eu não conheço entre o exercito Sonetario mais que hum Soneto, que seja completamente acabado segundo as suas infinitas, e impertinentissimas regras, que he do Thomaz Pinto, sem ser Tomino, que começa

Nesta perda geral; magoa cominúa  
 A Sua Magestade dar quera  
 Hum pezame, que fora huma alegria  
 A ser de minha sogra, e não da sua.  
 Se a minha não ha morte que a conclúa  
 A sua crer devemos com fé pia  
 Que vestida, e calçada ao Ceo iría  
 Como a minha ao Inferno, núa, e crúa.  
 &c.

Eu não sei de que proceda a teimosa, e invensível imperfeição deste ajojo de catorze versos: he certo que se perdeu a esperança de hum que, com effeito, como dizem os da Confraria dos Sonetos, abra com chave de prata, e feche com chave de ouro, e apesar desta indomável difficuldade todos os dias apparecem Sonetos, e basta que faça annos Jacinta Ifigenia, ou Brazia dos Querubins, ou qualquer outra Serpente, para apparecerem Sonetos annões; athe quando entre os bonecos de Cera appareceo o Busto do Tá-Pum (1) votado á Inmortalidade

---

(1) Andava nesse tempo pedindo Esmola por Lisboa hum China, baixo, e redondo de corpo, cor morena, e hombros largos, cujo modo de esmoelar era o seguinte: Parava no meio de huma Rua, ou Praça, e recitava huma comprida lengalenga em sua Lingoa, que findava com as palavras Tá Pum acompanhadas de dois pulos. Cuidavão alguns, que ouviam, que elle cantava, mas elle não fazia mais que recitar com o accentõ silabico do seo Idioma, o qual constando só de 600 monosilabos, cada hum delles tem cinco diversas inflexões, e em cada huma

no Templo do gosto, appareceo hum Soneto. As Corraleiras indo para a Peninha vão deitando Sonetos pela rua; e o defunto Preto Maranhão (1) quando toureava no Salitre metido dentro de hum Saco, de dentro do mesmo sacco tirava consigo negros Sonetos. Ha Sonetos feitos á Chanfana, (2) que he

---

destas, huma significação diferente, e das combinações destes monossilabos, e suas diferentes inflexões, se fórma a infenidade de vocabulos, que compõe a abundante Lingoa Chinezã; he claro pois, que a escalla destas inflexões deve produzir huma espece de canto ou psalmodia. Este *accento Syllabico* da China, nos dá ideia do *accento Silabico* da Lingoa Gregã, e Romana, cuja perda tanto lamentão os Phylologos, e que he hum grande defeito de que estão livres as Lingoas modernas. A este Figêrão conhecido vulgarmente pelo nome de *Tà-pum*, alude aqui o Author.

(1) O Pav Maranhão, a quem alude o Author, era hum Preto mui corpolento, e bebado que hia tourear ao Salitre com os outros Pretinhos de Guiné.

(2) Perguntando hum dia o Principe D. José que couza era *Chanfana*, constou esta pergunta e quasi todos os Poetas daquel-

Figado frito ás portas das Tabernas; ha Sonetos de Lobo (1) aos Capelistas, e athe Sonetos a hum Cavallo Lazarento, e athe na Feniz renascida (2) vem hum Soneto feito a hum Raio.

Entre pois os milhões, de milhões de Sonetos, eu creio que ainda não appareceo outro mais formidavel que o dezazado Soneto - Da America feliz Cantão ditozo. - Parece que foi concebido, engendrado, feito, e parido no mesmissimo Gabinete da Estupi-

le tempo se esmerarão em defini-la em Sonetos; nas Obras de Nicoláo Tolentino vem o que elle fez, e que talvez he o melhor de todos.

(1) Antonio Lobo de Carvalho de quem existe manuscripta huma grande collecção de Sonetos, e outras obras cheias de graciosa mordacidade. Ha delle muitos Sonetos contra os Cappelistas.

(2) *Phenix renascida* he Titulo de huma Collecção em cinco Volumes de versos de diversos Authores que florescerão desde o Reinado de D. João IV. até D. João V., o estilo destas composições, he com poucas excepções o *supra summum* de Gregoriano, e da depravação do gosto.

des. Seja quem for o seu auctor, porque ninguem advinha o que querem dizer estas Letras iniciais - J. B. L. R. Houve quem lhe desse sentido neste Verso

*Jumento. Besta. Lourinhaã. Roliço.*

Outros disserão que não era nome de auctor que erão letras misteriozas como as que tem apparecido sobre a casca dos Ovos. ( 1 ) Outros disserão que erão termos de Poezia nova, e que querião dizer

*Juno, Brackinevada, Longivibruo, Retrovolve, Jacaréo, Jagodes. &c. &c.*

Eu julgo que nem o mesmo Bluteau, que interpretou as enigmaticas letras do caliz de Alcobaça, chegaria a aclarar a sombra e escuridade de tais Le-

---

(1) Alusão a hum Ovo, que segundo espalhãrão os Sebastianistas, no tempo de Dominio Francez appareceo em hum Quintal da Rua das Taipas, apresentando na casca humma Córôa, e humas Letras relevadas que annunciavão a chegada d'El-Rey D. Sebastião.

tras! Seja o que for, eu não tenho coiza alguma com as Letras, digão elas o que disserem, nem me importa com a malignidade das interpretações do vulgo, que a outras letras iniciais de outro Soneto que vem nas costas deste que vamos analyzar, T. A. S. e S., deo esta indigna intelligencia

*Taludo, Asneirão,  
Salvage, e Sandeo.*

Coizas da plebe sempre maligna, e costumado a ver as coizas ás avessas. Deixando pois a explicação do misterio Eleuzino, eu só me limito a conciderar á luz da critica o formidavel Soneto, e praza ao Ceo que as minhas conciderações sirvão de tornar mais acutelados os Soneteiros.

He objecto do Soneto celebrar o felicissimo dia natal do nosso Augusto Principe Regente (1) que Deus Guarde; dia de conçoção para os fieis Vassallos Portuguezes, em que

---

(1) O Author escreveu estas Considerações em 1810, em cuja época era o Sr. D. João VI. Regente.

se devem dar os parabens á Nação, e pedir a Deos o queira reproduzir muitas, e muitas vezes para continuação da nossa ventura. O objecto não pôde ser maior, nem mais digno das Muzas: para exprimir pois este contentamento que cauza a toda a Nação hum dia tão feliz parece, que se devem buscar pensamentos altos, sublimes, proporcionados com o assumpto, idéas magnificas, imagens levantadas, nóvas, tocantes, e expressivas: e faria isto o miseravel auctor do formidavel Soneto? Não. Pensamento mais infeliz, mais destampado ainda não teve o entendimento humano. Eis-aqui huma idéa geral, ou a idéa mãy do formidavel Soneto.

O Brazil depois que os Portuguezes o descobrirão, e cultivarão produz algumas drogas, e fructos que costumão ser exportados pelos Europeos. Assucar, Cacáo, Salsa parrilha, Coiros, Amil, Pão de campeche. &c. Portugal quer compensar estas drogas, ou comutá-las, como costuma por outras que de cá vão, Azeite, Vi-

nagre, Chouriços, Toucinho, Bacalháo, Castanhas piladas. &c. Ora para celebrar o Dia Natalicio de S. A. R. que oferece este negocio de exportação, e importação do Brazil ao entendimento do Poeta? A coiza mais destampada que lembrou ainda aos homens. Eis aqui a ordem das idéas: S. A. R. faz hoje annos eu os vou celebrar. Brazil, tu mandas para cá o Ananaz (de calda) pois eu te quero tambem mandar hum mimo, e perdôa a limitação: eu te mando o P. R. N. S. e crê que tenho saudades do dia em que nasceo, porque este dia tambem se foi; do P. não nos ficou saudade, só ficou do dia em que nasceo! Eis-aqui a que o bom Horacio chama em excelente Latim

*Ægri somnia vana.*

E nós em melhor Portuguez

*De hum delirante enfermo idéas ocas.*

Quando hum Poeta se rezolve, para expiação de seus pecados, a mandar á escriptura as fatais catorze regras

de hum Soneto, deve levantar hum pensamento que dezenvolvido por idéas encadeadas, e que em ordem natural, e exacta se liguem e unão todas em hum fecho epigramatico, e de tal maneira que pareça huma consequencia extrahida de premissas estabelecidas; assim falão todos os mestres da Poezia mecanica desde as Taboas de Cascales athe aos Elementos da Poetica de Fonceca. Ora temos nós alguma coiza destas no formidavel Soneto?

O pensamento levantado he falço a todos os aspectos. Os Cultivadores do Brazil chamados *Senhores de Engenho*, colhem as suas cearas de Canas, de Bananas, de Cocos; fabricão os seus Abanos, moem a sua Farinha, e com tudo isto fazem o seu negocio, porque vão de cá os carregadores, que lhes levão o que lá não há, e ou feita a troca ou a venda toruão para a Europa, e as nossas tripas ou se consolão, ou se queimão com a sua cachaça, e o nosso chilo ou se aceléra, ou se estraga com o chá a que mistu-

ramos o seu assucar, as Pretas fazem alcomonia com a sua farinha, e seu melaço, os rapazes enlambuzão-se todos, e ficão morrendo com fome. Isto he hum verdadeiro negocio, e nunca se poderá chamar hum presente, que o Brazil nos mande ao qual devamos algum reconhecimento, porque nesta regra geral do Comercio do Brazil não entra o cazoparticular de hum amigo que de Pernambuco para onde foi por dez annos com hum papel dado em Relação, mande a outro amigo hum barrilinho de Limões de calda (optima coiza!) quem os come que os agradeça, isto não merece a gratidão publica porque de lá não vem huma caixa de assucar pelos nossos bons olhos. Suponhamos que vem lá donde quer que aparece o Diamante, que em ultima analyze vem a ser hum seixo muito duro, e muito Luzente, e mais nada; isto pertence ao Estado, he hum Contracto exclusivo não he hum presente feito á totalidade da Nação que exija desta huma compensação publica, e se a Nação he obri-

gada a esta urbanidade para com os nossos Irmãos da America, amor com amor se paga, se eles nos mandão huma Banana, mandemos-lhe nós huma mão de rabãos; se eles nos mandão hum Ananaz, mandemos-lhe nós hum Melão da chamusca ( e talvez nisto recebão mais do que dão) se eles nos mandão a Goiabada, Marmelada com eles. Se vem de lá huma pinga de cachaça, vá de cá huma canada de Carcavelos, que lhe alegre aquele olho, e com que se transportem ao consorcio dos Numes, e conheção Flamengos á meia noite; se eles nos mandão hum pão de Jacarandá, vá de cá hum dardo, huma chuça com que atravessem o bandulho a algum Francez que por lá appareça; mandão salça parrilha, pois vá de cá salça da horta, e ficamos pagos. Mas nada disto assim succede, e por isto he hum pensamento falcissimo que não tem lugar em nossas transações com o Brazil. O que de lá vem, compra-se, o que de cá vai, comprão-no. Mas pois a audacia, e ao atrevimento dos Poetas, são concedi-

das todas as Licenças de mentir e de fingir, finja embora, quem quer que seja o auctor do formidavel, esta reciproca cortezania entre nós os Portuguezes Europeos, e os Portuguezes Americanos. Portugal he mimozo de Castanhas do Maranhão, seja o Maranhão mimozo de Castanhas da Serra da Estrela. Exista esta obrigação do nosso reconhecimento ás drogas do Brazil; que tem, ou pode isto ter com o dia natalicio do P. R. N. S. ? Volve o dia felicissimo para os fieis Portuguezes de 13 de Maio, celebra-se este fausto dia com todas as demonstrações de amor filial que nós temos ao nosso Imperante Pay da Patria, que para a salvar se incomodou a si, e com este heroico sacrificio illudiu, e frustrou a sanha do maior Tyrano. Todos celebrão este dia com o coração, e com as acções, o Poeta o celebra com seus versos, a quem boxexudo chama *a lingoagem das Deozes*. O auctor do formidavel Soneto o quer celebrar, e tira-se de máus cuidados e diz: *No dia de hoje nasceo*

*o nosso Augusto Imperante, e como este dia he feliz para nós, e nós devemos alguns mimos de Ananazes aos Brasileiros, mandemos lhe como signal do nosso agradecimento o P. R. N. S.* Este he o artificio do Soneto impresso, e espalhado. As premisas são as drogas do Brazil, a obrigação que temos de lhe mandar alguma coisa, porque minha comadre mandou-me hum prato de filhozes o anno passado, mando-lhe este anno hum prato de sonhos, e fico muito airozo.

He falsicissimo o pensamento, he absurdo, he puerilmente ridiculo, he inconcequente, he vilissimo. Os Portuguezes mandão para o Brazil o Principe, porque o Brazil manda Ananazes aos Portuguezes, e a lembrança desta comutação, he no entendimento do Poeta a celebração do dia de seus annos. Isto não pode ser produção de cabeça humana, ou esta cabeça existia no perfeito estado de demencia quando concebeo semelhante monstruosidade. Que idéa dá este homem aos Portuguezes daquelas vantagens

reais que vierão ao Imperio Lusitano como nascimento de S. A. que Deos guarde? Como convida a Nação a celebrar este dia? Nós o mandamos para o Brazil para lhe agradecer o Ananaz. Isto he tão absurdo, que não póde deixar de ser desmentido. Quem de nós ignora as cauzas, os motivos que obrigárão a S. A. a transferir a sua Côrte para o Brazil? A quem de nós he occulto o rasgo da Providencia Devina, que nos salvou a nós, salvando-o a ele? Não conhecemos que os abalos politicos que sofre a Europa desde o principio da fatal Revolução o obrigárão a tomar aquella prudentissima medida? Ora se isto conserva em si hum fundo de verdade indestructivel, que absurda ficção he esta de huma troca absurda? Mas dada impossivelmente esta tróca, porque se lembra esta troca, celebrão-se os seus annos? Oh Logicos de todos os tamanhos desde Aristoteles athe Condillac, deitai esse palmo, ou covadô da saladora lingua de fóra, e dizei em que está este raciocinio: Está em *Bar-*

*bara*, em *Celarini*, em *Baroco*, em *Baralipton*? (1) Não, não está, só existio na cabeça do auctor do formidavel. Pobreza de entendimento, dezordem, e dezarranjo de idéas, e huma carencia absoluta de Logica; eis-aqui o que offerece o formidavel Soneto, visto, e conciderado em grosso, podendo dizer que não he Soneto, pois lhe faltão os requézitos necessarios prescriptos pela arte. Agora he preciso concidera-lo como se costuma dizer, *em detalhe*; creio que poderá dar materia para hum volume, mas serei breve, e na mesma brevidade, farei conhecer a lastimoza decadencia em que a Poezia entre nós existe. Estamos em pior estado que os mesmos Seiscentistas, e se nós nos temos rido deles, com quanta mais razão se poderião eles agora rir dos Botequins de Lisboa, onde se repim-pão os Filhos do Parnazo e donde despedem o contagio da estupidez que

---

(1) Termos barbaros, e zóticos da P'hylosophia Escolastica.

contamina as crias de Apolo! Vamos pois ao escrupulozo esmiuçamento veremos sair legiões e legiões de Sandices, mestras.

Saibão pois todos quantos este publico instrumento virem, que no dia 13 do mez de Maio do anno de 1811, pela volta das oito Oras da Noite, se começou a distribuir ao Povo embasbacado diante de hum illuminadissimo Botequim ( 1 ) impresso o seguinte e formidavel Soneto, que bem, e fielmente traslado do seu exemplar impresso, he da fôrma, modo, e maneira que todos irãõ vendo, e a cada palavra abrindo hum desconforme palmo de boca, e levantando dois hombros como duas assalvajadissimas carcundas.

### SONETO.

*D' America feliz Cantão ditozo.*

Começa este homem por huma após-

---

(1) O de José Pedro da Silva, na Praça do Rocio, em Lisboa, que se quiz fazer

trofe ao Brazil, e para dar a conhecer esta imensa porção do Mundo novo, que corre desde a embocadura do Amazonas athe á do rio da prata por mais de 1400 Legoas de Costa, e desde a praia do Oceano athe ás raizes dos Andes por mais de 1200 Legoas de Largura, chama lhe *Cantão*. Cantão não he Portuguez, ainda que demos este nome a cada hum dos treze districtos que formão a Suissa, se não me engano na conta, conservamos este nome em a nossa lingua a que corresponde a palavra Franceza = Canton. = Ora dezinhar com a expressão Cantão huma parte do Mundo novo, tão vasta, que quazi iguala a Europa inteira, he huma impropriedade intoleravel, ou huma puerilidade riziavel. O Brazil he hum Cantão da America, nem Manoel Coco (1) oriundo da mesma America diria similhan-

---

celebre por dispendioza Lumiria, sem disso tirar mais proveito, que a alcuha de *Luminaria do Mar!*

(1). Preto muito velho e cégo, o qual andava pedindo esmóla com humas contas mui grandes na mão. Este infeliz era o alvo

te coiza. Pela vastidão do terreno; pela sua grandeza geographica he chamado o seu legitimo Possuidor que he o Principe Regente *Imperador do Novo Mundo*, Pois a hum Imperio que parece hum Mundo chama-lhe o Sñr. hum *Cantão!* Athe *Cantão* da China devia ir passear o Poeta. Mas isto he nada, o homem, ou' quem quer que seja, andava na Suissa; o pior he o que se segue: Quem poderá adivinhar que se fala no imenso Brazil quando se diz

D'America feliz *Cantão* ditozo?

Póde ser qualquer parte daquele novo Continente que corre desde o Antartico, athe ao Artico. Eu não acho em *Cantão* ditozo nenhuma propriedade Caracteristica que me dezigne o Brazil, a qualidade de ditozo póde convir indistinctamente a outra qualquer porção daquela quarta parte do globo se todas as outras houvessem sido de-

---

da infima plebe de Lisboa, pois lhe atirvão com pedras, lama, &c. ficando ferido algumas vezes.

claradas; e conhecidas por desditozas e desgraçadas; e só o Brazil por afortunado, então saberíamos que quando se fala em *Cantão ditozo* se fala exclusivamente no Brazil. Mas tão desditozas são as Provincias unidas Anglo-Americanas, tão desditozo he o Chili, o Mexico, o Perú, que só ao Brazil convinha o titulo de *ditozo*, e só por ele, sem se dizer mais nada, seja logo conhecido! Ora se em hum Diccionario geografico apparecesse esta salgahada *Cantão ditozo* o Brazil, quem se não riria como se ri ainda do triz triz, traque traque, do imortal Diccionario?

D'America feliz Cantão ditozo.

Se toda a America he feliz, necessariamente são ditozos todos os seus *Cantões*: Logo temos huma occiozidade de palavras, ou palavras ociozas que nos despertão as mesmas idéas que os dois expresivos, e memoraveis *versiculas*.

Janela de páo de pinho  
De páo de pinho janela.

Aqui temos o estado dos bons engenheiros, e escritores dozinaes que ouzão apparecer no meio do Mundo com indisculpaveis puerilidades. Fazendo desde já uzo da regra de trez podemos dizer. = Se em hum verso disse tantas simplicidades, em seis mil versos quantas diria? =

*Desde que o Luzo no teu porto aferra*

Concedamos o nome de *Cantão* ao vasto, e opulento Brazil; quantos pórtos tem este Cantãozinho desde a Cayenna athe á Ilha de Santa Catherina? Em que porto pois de tantos pórtos aferra o Luzo? *No teu porto*. Temos as mesmas sombras magestózas, e impenetraveis que cobrião a fraze *Cantão ditozo*, cobrindo e envolvendo a sua camarada, *no teu porto aferra*. Não sabemos que porto he; mas concedendo ao Poeta a liberdade de tomar hum porto por todos os pórtos, surgidouros, bahias, enseadas &c. do Brazil, que quererá dizer *no porto aferra*? O verbo aferrar existe? e uzo-se ha 4000 annos; mas nunca com

ablativo. Aferrado sei eu o que he, desferrado saberá ele, mas aferrar nada he, e muito menos he *aferrar no porto*. Athe aqui ainda se não encontrou esta frase em nenhum escriptor Portuguez; consultando os termos Nautico-Portuguezes, vejo que se diz *fer-rar a pano* por colher as vélas, mas *aferrar no porto*, por chegar a qualquer paragem, ou fundear em qualquer ancoradouro, só se poderá encontrar no Diccionario da Genebra e bem forte. Contudo, dando e não concedendo, que se possa chamar huma frase Portugueza, (1) e que exprima a idéa da chegada de hum navio a qualquer porto do Brazil, coiza que se explica por outras muitas frases, a feitura de hum formidavel Sonetinho dá liberdade de crear novas expressões, novas frases que insultão a pureza de nossa maternal lingoagem, e nos fazem andar para traz, devendo caminhar adiante, ou *progredir*, como agora dizem, no polimento da lin-

---

(1) Veja-se Jacinto Freire de Andrade.

goa, purgando-a de tantas e tão feias manchas com que está desfigurada? Não se me diga que a imperioza força do Consoante aqui não rezistirião os mesmos invenciveis esquadrões de Jena, obrigou o Poetinha a uzar daquela torta fraze *no teu porto aferra*, era o segundo verso do formidavel, e tiuha a escolha livre, o seu estro profundamente escuro, e a sua superficialmente delgada Literatura lhe podião oferecer outra coiza menos dezes-trada que esta *Desde que o Luzo aferra no teu porto*, que quer dizer desde que Pedro Alvares Cabral por hum acazo descobriu aquella vastissima porção da America. Digão-me agora se este fortuito, e espantozo descobrimento se exprime poeticamente pela vesga fraze *no teu porto aferra*? Que aferra o Luzo no porto do Cantão ditozo? Alem de ser hum abuzo de Linguagem, a força do verbo novo aferrar, he tambem hum erro de Syntaxe, porque pedia acuzativo, *a ferrar o porto*, e não ablativo *aferrar no porto*.

*Dos raros dons que o teu terreno encerra*

Este homem não caminha senão por sombras, e obscuridades misteriosas. Que *raros dons* são estes, e em que sentido toma o auctor do formidavel a palavra *raridade*? Ou por pocos ou por preciosos, por certo a primeira accepção he a mais obvia, *raros pocos* = *Aparent rari nantes in gurgite vasto* = Aqui e ali apparece huma produção do Cantãozinho do Brazil. Parece que poderia com mais propriedade dizer *Dos bastos dons* porque he o que se apresenta á nossa imaginação quando vemos descarregar a immensa Coirama, e cada hum tamanho, que he hum Coirão que enche aquelle Terreiro do Paço; quando vemos, ou viamos aquellas médas immensas de Caixas de assucar, que os cascaveis defendem, os rapazes assaltão, e os Confeiteiros escondem athé que delas se declare a fome para lhe pucharem a escaravelha do preço. Cacáo, e tanto, que os que o vendem e dele fazem a negra algramaça chamada *Cho-*

*colate*, podem dizer que tem muito, e muito cacáo; tudo isto não he raro, mas vulgar, e commum em tanta cópia como o milagrozo algodão, que vendido neste Reino a trez tostões o arratel, este mesmo arratel he depois comprado a milhões huma vez que se estenda, e adelgase em Caças Musselinas, e Chales infinitos. Se o auctor do formidavel quer chamar ás produções do Brazil *preciozas*, tem com efeito seu preço porque se não dão de graça, mas este termo *preciozidade* não se póde estender a tudo o que o seu terreno encerra, muito principalmente limitando-se o auctor a hum Ananaz cheirozo, como primeiro, e mais preciozo don que encerra o terreno do *Contão ditozo*: que preciozidade encerra em si hum Ananaz para quem comeo já Pecegos das Caldas, de Abrantes, e de Amarante! He huma fruta do Brazil, a qual perde a sua preciozidade especifica pelo estado em que chegue ou possa chegar a este Reyno. E chamar a hum Ananaz hum *don raro*, he ser puerilmente encare-

cido, e equiparar-lhe huma frota de algodão, e de assucar. He para admirar a trivialidade das idéas deste homem e a maneira revezada que tende ver objectos, unindo coizas inteiramente disparatadas.

*Tem sido o nosso Portugal mimozo*

Esta rasteira, plebêa, e cazeira expressão he com efeito a prova mais luminosa da invensível negação que o Auctor tem para a Poezia. Que expressão esta tão proporcionada com a elevação, e grandeza do assumpto qual era o dia natalicio de hum Soberano! Como se póde dizer que hum Reyno he mimozo das produções deste ou daquelle paiz, se ele as vai buscar, e comprar pelo seu dinheiro? Que mimo he este que nos faz o Brazil nos generos que nos vende, e que se vendem a todas as Nações da Europa? Somos mimosos de Ananazes, de Cajuz, de Cocos, de Araras, Papagaios, Monos, Macacos, Coricas, Saguins, Piriquitos, abanos, cuias, gamelas, e Bananas. Isto se póde na fraze do

homem chamar *mimo*, porque de vez em quando lá vem estes raros dons do Cantão ditozo, porque de cá também foi hum quarteirão de prezuntos de Melgaço, dos quais hum só, vale huma Chácara, e huma Rossa. E com estes raros dons do Sobredito Cantão se prepara a Peripecia do formidavel Soneto, e assim nos vai dispondo o mesmo Cantão para lhe não ficarmos atraz com o nosso mimozinho, que vem a ser o que logo se verá

*Tu nos mandavas o Ananaz cheirozo*

Creio que rarissimas vezes appareceria neste Reyno o tal Ananaz, e se vem, chegará cá seco, e peço sem aroma, sem sabor, porque não vem reduzido a doce como a Goiaba. Mas venha, ou não venha o tal Ananaz, Caifaz, Anaz, e Barrabaz, por ventura o adjectivo *cheirozo* he a qualidade privativa deste fructo, que só lhe convinha, e por ella seja conhecido, e designado entre os milhões de diversos fructos aromaticos que produz o Brazil? Considerando a coiza poeticamen.

te he hum epiteto ociozo, generico, comum, arrastrado só vindo ali, e posto ali para encher o desleixado verso, e cumprir a ferrea obrigação do Consoante. Se dissera *saborozo*, podia designar melhor o tal Ananaz, porque segundo dizem os que lá o comerão fresco, e tirado da mãy, que he de hum Sabor esquizito, e que encerra em si o Sabor de toda a rabaçaria das frutas; mentira Solene, por que isto só foi huma propriedade do maná do dezerto, e a Natureza deo na filtração dos Sucos, e na combinação dos saes hum Sabor particular a cada fruto. Com a habilidade de unir idéas disparatadas, quem esperaria que o auctor do formidavel ajuntaria ao ananaz cheirozo, que a muito ser valerá tanto como dois marmelos.

*O Diamante que vem da fria serra.*

Em primeiro lugar, não consta que haja em todo o *Cantão ditozo* hum sitio chamado a *fria serra*, e este titulo de *fria* convem a qualquer das altas Serranias, ou cordilheiras de mon-

tanhas que atravessão o Brazil, com especialidade os montes Guararapes, onde o frio he excessivo, e onde o thermometro apparece pocos gráus acima da congelação, não sei que Serra se conheça no Brazil com este nome da *Serra fria*. Ha com effeito hum morro que se chama o *Serro do frio*, e que patada he esta da pobreza poetica chamar-lhe a *fria serra*! Quem ouvindo falar na Serra fria, ou na fria Serra, se poderá lembrar que he hum cabeço ou morro no interior do Brazil? Esta fria serra, he a coiza mais fria que se tem imaginada, dito, escrito, e publicado em verso. De tal fria Serra não vem Diamantes, não he só hum sitio no Cantãozinho que produz estas pedrinhas; a fria serra não he a sua patria privativa. Depois, se o Diamante vem, como diz o gelado verso, como o manda o Cantão? Isto que parece á primeira vista huma chicanha, he huma observação de boa critica. Tu nos mandas o que vem, he huma impropriedade. Se ele vem, para que he mandalo?

*Riquezas que não dá do Luzo a terra.*

A mina cada vez vai mostrando maiores betas desta prata, ou destes argentinos versos. Não me dirão de quem he o Brazil? He huma terra do Luzo, pois athe agora não conheço na sua totalidade outro Senhor mais que o Luzo. Terra do Luzo, he tudo o que o tal Luzo possui em qualquer parte. Para dar a conhecer que do Cantão vinhão coizas que se não dão nos dominios Europeos do Luzo, era preciso designalo com a palavra *Portugal*, ou ao menos com seu antigo nome *Luzitania*. Tanto he terra de Luzo a Cabeça de Montachique como a fria Serra, e ficamos em hum equívoco indecifrável. Se a terra do Luzo dá o Diamante como não dá a terra do Luzo o Diamante? Dirão que bem se entende que o Auctor quiz dizer *Portugal Europeo*, pois se quer dizer isso, diga-o de outra sorte, e não embrulhe os termos, não confunda as idéas, não faça trocas, nem Sonetos, ou faça-os para gastos de sua caza, e não

os imprima. Ainda que se lhe conceda que se entende que fala em Portugal, e que he essa a sua intenção, he sempre hum pensamento falço porque não se póde dizer que Portugal não dá as riquezas do Brazil, que o auctor Limita ao Ananaz e ao Diamante da fria Serra. O Ananaz não se póde deziñar com o nome de riquezas, e se hum Ananaz, he huma riqueza, tem razão as mulheres de clamar *Oh que riqueza de figos!* e a hum bom padar, hum figo barchachote, e de capa rota, he mais agradavel que o ardente, e corrozivo Ananaz que gasta, e consóme o mesmo ferro com que se corta, que tão forte he o ácido corrozivo do seu suco; leve o Diabo o Ananaz, que tais riquezas traz para as tripas dos homens. Limitemo-nos ao Diamante. Vem do Brazil, he verdade, mas tambem he mentira que os não produza Portugal, ou do Luzo a terra. Já se encontrárão athe em nossos dias pelas fragas, e ribanceiras do Mondego; no Crato entre o muíto Cristal de Roca, se encontrão Folhas de Diamantes aqui, e ali, e

se estas Luzentes Pedras são Riquezas, Portugal as dá. Achão-se Esmeraldas em Cintra, Jacinthos e Topazios no Suimo, Robins em huma Quinta que ha na venda seca, Turquezas junto a Borba, Opálos, Pedra Rarissima, em Monchique no Algarve, Sáfras (não muito Luminozas) em huma terra pedregosa junto a Idanha de Belas. Oiro ha na Adissa adiante de Caparica em hum Sitio chamado a *descida das vacas*; na Ribeira da Ocreza, em hum monte escavado junto a Viana do Alemtejo.

(1) Com que, não se pôde dizer que

---

(1) Alem da descripção que o Author das Considerações faz das Pedras preciosas, e metaes finos que a Natureza produz em Portugal, todavia eu devo addicionar sobre este objecto, o seguinte:

Na Provincia de Traz-os-Montes há doze Minas de Ouro, trez de Prata, e duas de Cristal. No Minho trinta e sete de Ouro, treze de Prata, e duas de Cristal. Na Beira trinta e seis de Ouro, quatro de Prata, e quatro de Cristal. Na Estremadura sessenta e quatro de Ouro, oito de Prata, quatro de Cristal, e huma de Coral. No Alemtejo

a terra do Luzo não dá as riquezas que o Poeta aponta no Cantão.

*Nos vinhão de teu Seio dadivozo*

Mais acima era o terreno do Cantão, mais abaixo he o Seio do Cantão. E convem a Seio o epiteto *dadivozo*? Em primeiro lugar *dadivozo* não he palavra de bom cunho Portuguez, nenhum Classico uzou dela athe agora, e busculhando se os Diccionarios de melhor nota, não se encontra, apenas dá dando-se por auctor, e assignando se. Sá uzou dela em o *baconarte* Portuguez, e Francez; se existe esta palavra he

oito de Ouro, quatro de Prata, e cinco de Cristal. E na do Algarve huma de Ouro, huma de Prata, e duas de Cristal.

Por não ser fastidioso, não menciono aqui as numerosas Minas que há em Portugal de diversos Metaes, e Pedras ordinarias.

Por ultimo eu não devo omittir ao Leitor huma Rica, e Precioza Custodia que existe na Real Capella de Villa Viçosa, cuja Pedraria de que está cravejada, foi extrahida das Minas de seus contornos; e Fr. Marcos de Guadalaxara Xivier, insigne escriptor diz que *no Tejo ha Diamantes.*

entre o baixo vulgo, e nunca póde equivaler a palavra *Liberal*, e mostra sempre o auctor do formidavel huma pobreza Franciscana em lingoagem Portugueza, e isto na pequena composiçãõ de catorze regrinhas, que tornão indispensavel a obrigaçãõ de falar bem Portuguez. O Seio póde ser fertil, fecundo, rico, abundante, inexausto, mas dadivozo! Ora finalmente chegámos onde torce a Porca o rabo

Valor e peito té he precizo Eneas!

Agora sim que chegámos onde o texto he comentario de si mesmo, aqui abriu a demencia o seio *dadivozo*, e vazou-se toda.

*Nós te pagamos ai! com que abundança!*

Chegou o tempo de pagarmos ao Cantão os mimos de Ananazes, que nos tem feito, e eu me persuadia que veria hir o Poeta á Praça da Figueira comprar hum arratel de Cerejas para compensar os mimos Brasileiros. Em consciencia assim devia ser; pois não he isto assim. Quiz pagar, e quiz pa-

gar com *abundança*. Que será abundança? pagar com abundancia não he fraze da Lingoa Portugueza, póde dizer-se *pagar com uzura*, mas pagar com *abundança* a ninguem lembrou, ninguem o disse; póde dizer-se que F. ficou superabundantemente pago, mas isto faz outro sentido, quer dizer outra coiza. A interjeição *ai!* he huma muleta desgraçada, que não explica nada: se quer denotar a dôr com que se pagou o mimo, isso he huma somitigaria indigna, porque ninguem se deve queixar, e a ninguem deve pezar, pagar hum beneficio, hum mimo, hum presente, e muito principalmente quem retribúe com largueza o que denota generozidade de animo. Eu não posso dizer neste passo do formidavel, se não – *ai!* que lastima, *ai* que miseria! *ai!* que chaga! *ai* que peste! *ai* que tudo!

*Fructo mais raro, que o Brazil não cria*

*Ai!* que lastima! Aqui temos a paga de hum Ananaz, fructo existente, e *cheirozo* com hum fructo methafóri-

co, e ajustár-lo-se estas duas idéas tão disparatadas no entendimento do homem dono do formidavel Soneto! Que o Brazil não cria? E qual he o terreno onde nascem como Ananazes, Reis, e Soberanos? O fructo do tronco de Bragança não se cria no Brazil! ai! que *abundança* de destempero! He possível que se confunda o real com o *transylato*, e *methafórico*? Que se queira dar a mesma idéa da produção dos Ananazes, e da Successão da Real Caza de Bragança, e que esta Successão seja o fructo que compense o fructo *Ananaz*! Assim como o Brazil manda o Ananaz, que se não dá, ou se não cria em Portugal; Portugal manda para o Brazil o fructo que não se cria por lá, que he o Successor do Throno, e o Descendente Legitimo da actual Caza de Bragança. Isto não he sonhado, nem aleive levantado, he hum verso de hum Soneto

*Te inviamos do Tronco de Bragança.*  
Se não fosse o dever de compensar-

mos os Ananazes do Brazil, não lhe enviavamos o P. R. N. S. E com effeito, assim como quem aceita hum mimo, depois de o aceitar pôde dizer que he seu, e já não he daquele que o mandou, pois voluntariamente renunciou a sua posse, quando o offerrou, da mesma maneira diz o grandissimo Poeta, já não he nosso o P. R. N. S. pois o mandamos para pagar o Ananaz cheirozo, e o mesmo elevadissimo Poeta, conhecendo no *Cantão ditozo* todo o direito de propriedade sobre o fructo que de cá lhe mandamos, e lá se não cria, para nos tirar de toda a duvida a este respeito, diz

*João he teu, oh don de mor valia!*

Aqui temos a passagem da propriedade, e ao mesmo tempo a idéa de que démos mais do que recebemos, pois temos a força da comparação, na palavra *Don de mor valia*. Que vem a concluir que o fructo, que mandamos vale mais que hum Ananaz. Mas em fim, continua o Sublimissimo, o que

está dado, está dado, não nos fica mais que huma coiza, que he a saudade na lembrança.

*Só nos fica a Saudade na lembrança*

Eu lhe podia dizer *Homem não se agonie, onde vai o pião, vai o ferrão, deixe hir a Saudade na lembrança.* Porem ficar a Saudade na lembrança, he coiza que he como a adivinhação de hum ovo. Seria preciso explicar, e determinar bem a significação da palavra *Saudade* sem muitas dissertações, eu a derivo immediatamente do verbo *Saudar*, e não he outra coiza, *Dé lá Saudades a F.*, isto he, *Saude-o lá da minha parte:* Se a Saudade he lembrança, seja; e outro dia me pediu aqui huma vezinha que se visse a vezinha Sicrana, lhe desse lá muitas lembranças, e muitas Saudades; mas ficar a Saudade na Lembrança, isto só no formidavel. Ele bem claro fala, que lhe fica na lembrança a Saudade, não do P. R. N. S., mas

*Do seu formozo natalicio dia.*

E assim se conclue hum Soneto feito

aos annos de S. A. R. Se o epiteto *formozo* convenha ao dia natalicio de hum Princepe, vejão os piíssimos Leitores. Depois de feita a troca baldroca do Ananaz, nada mais fica a este homem, que a Saudade do dia dos Annos do Princepe Regente. Pois tambem este dia se foi! Tambem se trocou? Homem, olha ao menos para a Folhinha, olha o que diz a 13 de Maio. O dia he introcavel, he para todos, e Saudade só se tem do que se não vê, do que se perdeu, e do numero dos dias nunca se perderá o dia 13 de Maio. Ora para aquietar esta tempestade solta de sandices, creio que não terá poder nem o Santelmo velho nem o Santelmo novo de que se fala n'outro Soneto mais adiante deste, escolha-se dos dois Santelmos, o Santelmo que se quizer, o Santelmo velho, ou o Santelmo novo, tudo vai a pique em Poezia, vejo que a espanção de Portugal para fóra com surras tão tremendas como tem levado os Francezes. Se ela se fosse de todo não seria huma desgraça, mas abalar a boa,

e ficar a peste, eis-aqui o que se deve lastimar. Tem-se abandonado os optimos modelos, não se estuda Camões, com especialidade em suas Rimas, nem Ferreira, nem Bernardes, nem Lobo, nem Mousinho; e dos modernos deixa-se o castigado Garção, o sizudo Diniz, o ameno Quita, em fim nem os bons prozadores se estudão, onde se aprenda a copia, a pureza da lingoagem, e a maneira de formar hum bom periodo, onde se veja a ordem do raciocinio. Felinto, e Elmano; (1) Eis os dois estragadores

---

(1) Os Litteratos não ignorão que o insigne Bocage escreveu contra o Author destas Considerações a famosa Epistola *Satiras prestam, Satiras se estimam &c.* e foi por isso que desde aquelle tempo, até á morte do pranteado Elmano, já mais o dito Macedo, se atreveo a denegri-lo.

Bocage, tão célebre em harmonisar as suas Poesias, como vasto, e novo na sua imaginação, soube ganhar a superioridade entre os Poetas do seu tempo. Além de muitas, e quasi innumeraveis peças originalmente suas, aonde achamos o testemunho de hum genio de Seculo, nos deixou elle tão perfei-

da Poezia, e os respeitades, e seguidos  
Mestres dos Meninos de agora.

Em Soneto d'annos vem hum Ananaz,  
Vem versos e trovas de Tristão Lambaz; (2)  
E chovem Sandices em tanta abundança  
Que menos dissera gordo Sancho Pança.  
Não digão que mofo, não digão que ralho  
De versos do tempo de Vasco Porcalho, (3)

---

tas Traducções, assim do Francez, como  
do Latim, que o Leitor imparcial será obri-  
gado muitas vezes a confessar sua indelibera-  
ção sobre os differentes merecimentos entre  
os Originaes, e as suas Traducções.

Eu não encontro em todos os nossos Poe-  
tas hum só que possa dignamente hombrear  
com Bocage no tacto delicado, gosto fino,  
doçura, graça, e melodia, com que sem-  
pre tão felizmente suavisa os ouvidos de seus  
Leitores. Os seus versos, ou sejam originaes,  
ou traduzidos, são borrifados de hum nectar,  
que parece haver sido reservado por Apollo  
para lhe fazer grangear desta sorte a distinc-  
ta reputação, que o colloca por semelhante  
mérito no mais luzido assento das margens  
do Permissão.

(2) Designa o Bacharel João Bernardo  
Loureiro Rocha, Author do Soneto, que e-  
ra conhecido por Homem de muito alimento.

(3) Vasco Porcalho viveo no Reynado  
de D. João I.

A minha censura, a minha dentada  
Não cahe na pessoa, mas n'obra estouvada;  
Que a versos tão chôros, vergonha da terra,  
Eu guerra declaro, e guerra, e mais guerra.

F I M.

---

*As notas desta Obra, são de outro  
Author; e as das paginas 20, 34, e 42,  
são do Editor.*

---

*O Autographo desta Obra o pos-  
sue a Typographia, aonde ella foi im-  
pressa, cujo manuscripto a dita Typo-  
graphia poderá mostrar a toda a pes-  
soa, que disto duvidar, e quizer certi-  
ficar-se se he, ou não escripta por Jo-  
se Agostinho de Macedo.*

---

*Paq. 9 lin. 26 onde diz 1810 lêa-  
se 1811.*









